

caderno3

Diário do Nordeste

FORTALEZA, CEARÁ - QUINTA-FEIRA, 21 DE JANEIRO DE 2010 | ANO XXIX | caderno3@diariodonordeste.com.br

ENTREVISTA KARIM AÏNOUZ CINEASTA

Cinema da inquietude

● Cearense de nascimento, cidadão do mundo por opção, Karim Aïnouz é o grande homenageado da 13ª Mostra de Cinema de Tiradentes (MG), que começo amanhã com a exibição de seu novo filme "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo". Na entrevista a seguir, solícito, Karim fala, por telefone, da Alemanha, sobre a homenagem, sua filmografia e os rumos do cinema cearense

FÁBIO FREIRE
Repórter

Como você recebeu a notícia de que seria homenageado pela Mostra de Tiradentes?

Foi uma surpresa muito grande para mim. Primeiro porque a maior parte das mostras e dos festivais homenageiam diretores, atores ou produtores com uma história mais longa. Eu acabei de fazer meu terceiro longa-metragem. Eu tenho muita estrada para correr na vida ainda, então foi uma surpresa nesse sentido. Aí você se sente velho, aquela coisa... (risos). Ao mesmo tempo tem a questão da própria Mostra. O que eu acho bonito é que meu trabalho tem a ver com o tema e a curadoria do evento. Não é um trabalho clássico, no sentido da narrativa. E você recebe mais críticas do que elogios por esse tipo de filme. Estou no meio do trabalho, no meio da minha vida e carreira, e receber essa homenagem é muito estimulante. Outra coisa que eu acho importante, especificamente nesse ano, no começo de uma década, é que a gente está passando por um momento de entender de novo o cinema. Eu acho que estamos passando por um momento de reinvenção da forma. Existem formas novas de se fazer. E o cinema brasileiro está atingindo uma maturidade também. Bem ou mal, nós passamos por uns dez anos de provação mesmo e agora começamos a ter uma nova geração que aponta para novos caminhos. Então acho que é uma conjuntura muito bacana de ser homenageado agora.

Nesta edição da Mostra foram selecionados oito curtas cearenses, na maioria de novos realizadores, e um longa. Você tem tido contato com essa "nova" cinematografia cearense? Qual a representatividade dela no cenário atual?

Eu fiquei muito feliz. É um número bacana. É uma prova cabal de que existe uma grande vitalidade e acho que ela, de alguma maneira, está ligada a uma formação, não só de mão-de-obra física, mas intelectual mesmo. A Vila das Artes, por exemplo, tem formado uma geração que está produzindo muita coisa. Acho que existe um ambiente, mais do que qualquer coisa, de discussão crítica do cinema no Ceará hoje. E ele é inédito, pelo tamanho. Você vê uma garotada fazendo longas e curtas, vê um coletivo como o Alumbramento, por exemplo. Existe não só uma quantidade grande, mas um ambiente que é muito favorável a isso e um espírito muito bacana. Prestando atenção aos filmes feitos aí, a sensação que tenho é que todo mundo ajuda um ao outro, tem uma coisa de coletivo, uma participação mútua que eu acho muito legal. Não é uma coisa romântica, é uma coisa de fato. A gente começou a entender que

tem que fazer junto. Eu conheço alguns desses meninos, e tem toda uma geração que eu acho que está fazendo um trabalho muito animador. Depois dessa coisa da retomada, que aconteceu na década de 1990 e anos 2000, agora chegamos à tomada de fato. Tomada no sentido de ligar na energia e também por causa de uma quantidade de filmes, não só cearenses, que são descentralizados do eixo Rio-São Paulo.

Pensando na homenagem, você percebe alguma ligação temática/estética entre seus filmes?

É tão difícil falar disso porque a gente não pensa analiticamente quando está fazendo. Mas vou te confessar que fiquei muito feliz quando li o texto escrito pela curadoria da Mostra sobre meu trabalho, a questão do deslocamento. Mas acho que, talvez, o que tenha mais uma ligação entre os meus filmes é uma certa inquietude dos personagens. Uma inquietude de estar vivo mesmo. Acho que, em todos os meus filmes, existem personagens que passam por esse momento e têm algum problema para resolver. São personagens que passam por experiências dramáticas, mas que, de alguma maneira, se reerguem no final. Pensando analiticamente, isso é um pouco do que eu vejo.

E tem essa questão do deslocamento, que eu acho que está presente sempre e é um traço da minha própria vida. Acho que essas duas coisas. Mas eu prefiro que vocês falem... (risos).

Sua filmografia é bastante peculiar e pessoal, você aceitaria convites para dirigir uma produção de caráter mais comercial? Como foi sua experiência com a série "Alice", da HBO?

Eu aceitaria sim. A própria experiência da "Alice" foi um pouco isso para mim. Eu sempre tinha feito trabalhos em que eu assinava roteiro, produção... Fazer "Alice" foi o primeiro exercício nesse sentido, com roteiristas, uma equipe grande. Existia sempre um produtor presente discutindo o que ele queria.

Na verdade, queria saber se você tem algum preconceito em relação ao cinema comercial? Você faria um "Avatar", por exemplo ou um filme "por encomenda"?

Hoje em dia eu não tenho mais preconceito com nada. Quer dizer, com nada é mentira porque a gente sempre tem. Agora, fazer um "Avatar" não. Porque eu acho ruim e chato (risos). Mas faria filmes comerciais com o maior prazer. Na verdade, eu já tive ofertas, não de grandes orçamentos. Mas, na época, eu não aceitei porque para você fazer um filme de encomenda é preciso estar muito preparado... tecnicamente. Eu me lembro quando terminei "Madame Satã", tive duas ofertas bem bacanas. Mas eu não estava pronto. Primeiro, eu acho que você tem que ter muita força, no sentido físico mesmo, por causa de uma demanda e expectativas que são

muito grandes. Ter feito a série foi muito legal, no sentido de que, hoje, tenho mais horas de voo, de set de filmagem, de dirigir ator, orquestrar uma equipe grande. Hoje me sinto mais preparado e com mais vontade. Acho que pode ser um desafio. Para mim, o ideal é estar sempre alternando de um lugar para outro. Eu tenho vontades e desejos e vou estar sempre fazendo trabalhos que me dizem respeito e me emocionem. Mas tenho uma vontade grande também de fazer coisas que sejam de uma outra ordem. O que eu não consigo fazer é falar de coisas em que não acredito. Isso é uma questão de ética, mais do que comercial ou não-comercial.

Falei "Avatar" porque foi o primeiro filme que me veio à cabeça. Mas poderia ter citado "Lula" ou "Dois Filhos de Francisco", filmes mais próximos da nossa realidade.

Eu vou te falar uma coisa. O "Lula", na realidade, já chegou nas minhas mãos, alguns anos atrás. Você colocou dois exemplos muito engraçados. Eu acho que eu faria mais o "Dois Filhos de Francisco". Acho complicado falar do Lula hoje, com ele ainda no poder. Tem a ver com o que disse sobre o que eu acredito ou não. O "Dois Filhos de Francisco" eu faria com o maior prazer. Tenho a maior vontade de fazer um filme sobre uma banda de forró, por exemplo. Acho que pode ser divertido. Não tenho nenhum problema em fazer filmes populares e comerciais.

Apesar de já ter sido exibido em mostras e festivais, "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo" ainda não estreou no circuito. Existe alguma previsão de estreia?

Tem sim. Eu tive uma reunião na sexta passada sobre isso. O "problema" do filme é que ele foi feito muito na vontade, sem dinheiro para lançar. Ele foi produzido na maior pindaíba. Então a gente está tentando organizar um jeito de lançá-lo de modo digno. Tudo indica que o lançamento será entre março e abril. Estamos esperando também que o filme tenha um pouco mais de lastro de festivais. Ele está indo agora para um festival no Pólo Norte e vai abrir a Mostra de Tiradentes também. A gente quer muito brincar com o lançamento, exibi-lo nos cinemas e em galerias, algo do tipo.

Como está o andamento do longa "Praia do Futuro"?

Acabei de terminar o nono tratamento do roteiro. A gente está agora fechando a parte da produção aqui na Europa, o filme é uma co-produção com a Alemanha. Até final de fevereiro devemos fechar o elenco, e a prévia é a gente começar a filmar a partir de outubro. Metade do filme vai ser filmado em Fortaleza, a outra aqui na Alemanha. Lançamento mesmo só próximo ano mesmo. ●

MAIS INFORMAÇÕES

● **ABERTURA** da 13ª Mostra de Cinema de Tiradentes (MG), amanhã, com exibição de "Viajo porque Preciso, Volto porque te Amo", de Karim Aïnouz e Marcelo Gomes. A Mostra vai até o dia 30/01: www.mostratiradentes.com.br.

COMENTE

caderno3@diariodonordeste.com.br

LITERATURA

Natércia
Rocha lança
livro

● PÁGINA 4

MÚSICA

Ná Ozzetti
reedita
"Show"

● PÁGINA 4

● Personagens
inquietos e
questões como
deslocamento
marcam o
cinema de Karim
Aïnouz, que
recebe
homenagem da
Mostra de
Cinema de
Tiradentes



desafinado

3224.7774

3610624/48